

ANÁLISE DE CENÁRIO

E RISCO GEOPOLÍTICO

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

O CONFLITO IRÃ-EUA-
ISRAEL E A DISPUTA POR
ROTAS ESTRATÉGICAS NO
RIMLAND



ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA



INTRODUÇÃO

A crescente instabilidade no Oriente Médio recolocou o Golfo Pérsico no centro das disputas geopolíticas contemporâneas. O conflito envolvendo Irã, Estados Unidos e Israel transcende divergências ideológicas ou militares e deve ser compreendido como parte de uma disputa estrutural pelo controle das rotas estratégicas que conectam a Eurásia aos mercados globais. Nesse contexto, o Estreito de Ormuz assume papel central por concentrar uma das principais passagens marítimas do sistema energético internacional.

Segundo dados da Energy Information Administration (EIA, 2026), aproximadamente 20% do petróleo consumido mundialmente transita diariamente pelo Estreito de Ormuz, tornando-o um dos principais chokepoints energéticos do planeta. Diferentemente de outras rotas estratégicas, como o Canal de Suez ou o Estreito de Malaca, Ormuz concentra exportações essenciais das monarquias do Golfo e conecta diretamente os grandes produtores de petróleo aos mercados asiáticos e europeus.

A presente análise busca responder à seguinte questão: de que forma o conflito entre Irã, Estados Unidos e Israel se relaciona à disputa geopolítica pelo controle do Rimland eurasiático e das rotas estratégicas do Golfo Pérsico?

O recorte temporal da pesquisa compreende o período entre 2018 e 2026, marcado pela saída dos Estados Unidos do acordo nuclear iraniano, o Plano de Ação Conjunto Global (Joint Comprehensive Plan of Action – JCPOA), pela intensificação das sanções econômicas e pelo aumento das tensões militares indiretas envolvendo grupos aliados ao Irã. O recorte espacial concentra-se no Golfo Pérsico, especialmente no Estreito de Ormuz, embora também considere o Levante como extensão estratégica da projeção regional iraniana, sobretudo por meio da atuação do Hezbollah no Líbano e da conexão territorial entre Irã, Síria e Mediterrâneo.

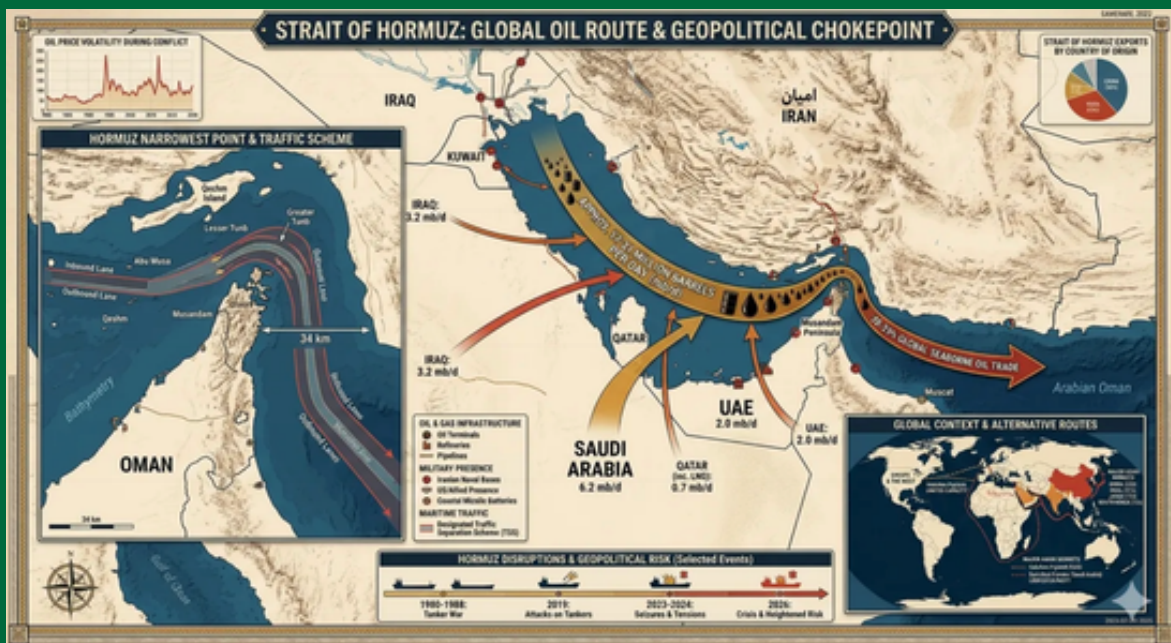
ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

INTRODUÇÃO



As disputas contemporâneas no Oriente Médio afetam diretamente a estabilidade das cadeias globais de energia, a segurança marítima internacional e o equilíbrio de poder entre potências regionais e globais. Além disso, a ascensão de estratégias híbridas de guerra e a crescente aproximação do Irã com Rússia e China demonstram transformações importantes na ordem internacional contemporânea.

Com a finalidade de compreender essas dinâmicas, utilizamos uma abordagem qualitativa e exploratória, que possui como base, uma análise bibliográfica e análise geopolítica de cenário. Desta forma, a pesquisa procura se fundamentar por meio de artigos acadêmicos, relatórios internacionais e documentos estratégicos, tendo maior concentração entre período de 2018 a 2026, que marcados pela intensificação das tensões entre Irã, Estados Unidos e Israel. Além disso, o estudo se propõe a desenvolver projeções de cenário, sendo uma otimista, pessimista e a mais provável, para analisar os impactos do conflito sobre a segurança regional e as cadeias globais de energia.



ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

METODOLOGIA



A construção analítica deste artigo foi baseada nas articulações utilizadas pela Geopolítica clássica e Geoeconomia. Para isso, foram selecionados artigos acadêmicos e relatórios produzidos por organismos internacionais, centros de pesquisa e veículos de reportagem.

Além disso, o recorte temporal entre 2018 e 2026 foi adotado com o intuito de compreender os eventos que consideramos centrais para a reconfiguração das tensões entre Irã, Estados Unidos e Israel, especialmente após a retirada norte-americana do acordo nuclear iraniano (JCPOA) e a intensificação das sanções econômicas e disputas militares no Golfo Pérsico.

A análise de cenário desenvolvida neste trabalho se estruturou por meio de três projeções possíveis: otimista, pessimista e mais provável, todas elaboradas com base na observação de variáveis militares, energéticas, econômicas e diplomáticas. A partir dessas variáveis, buscou-se compreender quais os possíveis desdobramentos regionais e sistêmicos do conflito, considerando seus impactos sobre a segurança internacional, as rotas estratégicas e as cadeias globais de energia.

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

CONTEXTUALIZAÇÃO



As tensões entre Irã e Estados Unidos intensificaram-se após a Revolução Iraniana de 1979, evento que rompeu a aliança histórica entre Washington e o regime do xá Mohammad Reza Pahlavi. A partir da instauração da República Islâmica liderada pelo aiatolá Ruhollah Khomeini, o Irã passou a adotar uma política externa baseada na resistência à presença ocidental no Oriente Médio.

Durante as décadas seguintes, o antagonismo consolidou-se em torno de disputas relacionadas à influência regional, ao programa nuclear iraniano e à presença militar norte-americana no Golfo Pérsico. Israel, por sua vez, passou a considerar o desenvolvimento nuclear iraniano uma ameaça existencial, especialmente diante do fortalecimento de grupos aliados ao Irã na região.

O Joint Comprehensive Plan of Action (JCPOA), em português, Plano de Ação Conjunto Global, é um acordo internacional firmado em 14 de julho de 2015 entre o Irã e o grupo conhecido como P5+1 (Estados Unidos, Reino Unido, França, Rússia, China e Alemanha), com a participação da União Europeia. Seu principal objetivo é garantir que o programa nuclear iraniano tenha fins exclusivamente pacíficos, por meio da imposição de limites ao enriquecimento de urânio, da redução de sua capacidade nuclear e da implementação de um rigoroso sistema de inspeções internacionais conduzidas pela Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA). Em contrapartida, o acordo prevê a suspensão progressiva de sanções econômicas impostas ao país, buscando equilibrar segurança internacional e reintegração econômica do Irã.

Nesse contexto, o cenário sofreu nova transformação a partir de 2018, quando o governo de Donald Trump retirou unilateralmente os Estados Unidos do JCPOA e restabeleceu severas sanções econômicas contra Teerã. Essa ruptura comprometeu os mecanismos de cooperação previstos no acordo e agravou as tensões entre as partes envolvidas. Em resposta, o Irã passou a flexibilizar gradualmente os compromissos assumidos, ampliando seu programa nuclear e adotando uma estratégia de “defesa avançada”, caracterizada pela atuação indireta por meio de grupos aliados na região.

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

CONTEXTUALIZAÇÃO



Entre 2023 e 2026, as tensões intensificaram-se em decorrência da expansão regional da guerra em Gaza, incluindo os ataques promovidos pelos houthis, grupo não-estatal armado do Iêmen no Mar Vermelho, as operações israelenses contra alvos iranianos na Síria e episódios recorrentes de instabilidade marítima no Golfo Pérsico. Esses acontecimentos tiveram impactos significativos sobre o comércio internacional, uma vez que, de acordo com análises recentes, o Mar Vermelho e o Canal de Suez, responsáveis por cerca de 12% do comércio marítimo global, sofreram forte redução no fluxo de navios, com quedas de aproximadamente 50% no número de embarcações em 2024 (ATLAS INSTITUTE FOR INTERNATIONAL AFFAIRS, 2025; EURONEWS, 2025).



ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

CONTEXTUALIZAÇÃO



A insegurança levou grandes companhias de navegação a desviar rotas para o Cabo da Boa Esperança, aumentando o tempo de transporte em até duas semanas e elevando significativamente os custos logísticos e os preços do frete, que chegaram a subir mais de 80% em algumas rotas (COFACE, 2025). Como consequência, observou-se o agravamento de atrasos nas cadeias globais de suprimento, além do encarecimento de mercadorias e pressões inflacionárias em diversas economias.

Paralelamente, conforme apontam estudos de instituições internacionais, as tensões no Golfo Pérsico ampliaram os riscos ao comércio energético global, especialmente no Estreito de Ormuz, por onde transita cerca de 20% do petróleo mundial, evidenciando a vulnerabilidade estrutural das cadeias de energia e o elevado potencial desestabilizador do conflito no sistema econômico internacional (CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE, 2026; FEDERAL RESERVE BANK OF DALLAS, 2026).

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

DIMENSÕES GEOPOLÍTICAS DO CONFLITO



Dimensão Territorial

A dimensão territorial do conflito concentra-se no controle estratégico do Estreito de Ormuz e dos corredores terrestres euroasiáticos. O estreito representa um ponto de estrangulamento fundamental para o comércio energético internacional, enquanto os projetos iranianos de integração continental buscam reduzir a dependência das rotas marítimas controladas por potências ocidentais.

Para além do controle imediato do tráfego marítimo em Ormuz, a dimensão territorial materializa-se na construção de infraestruturas físicas específicas que buscam contornar o controle atlantista. Destaca-se a operacionalização do Corredor Internacional de Transporte Norte-Sul (INSTC), uma rede multimodal de navios, ferrovias e rodovias que conecta a Índia, o Irã, o Azerbaijão e a Rússia.

O desenvolvimento do porto de Chabahar, localizado no sudeste iraniano (fora do Golfo Pérsico e, portanto, menos vulnerável a bloqueios no estreito), exemplifica o esforço de Teerã em criar rotas de águas profundas imunes à pressão naval americana. Essas manobras territoriais representam a intersecção prática entre a teoria de Nicholas Spykman, que defendia que o controle das regiões periféricas da Eurásia, principalmente as áreas costeiras e os corredores estratégicos, seriam determinantes para a projeção de poder global. Por isso, a busca do Irã por corredores terrestres e rotas alternativas de circulação evidencia no contexto atual do conflito a permanência da centralidade geopolítica dessas zonas estratégicas. E nesse exato cenário, as iniciativas iranianas também tem se articulado, à Iniciativa Cinturão e Rota (BRI) chinesa, permitindo uma consolidação mais forte entre conexões eurasiáticas e reduzindo a dependência de chokepoints, historicamente influenciados pelo Ocidente.

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

DIMENSÕES GEOPOLÍTICAS DO CONFLITO



Dimensão Econômica

O conflito impacta diretamente os preços globais de energia, os custos logísticos e a estabilidade das cadeias globais de valor. Relatórios recentes, como o da UNCTAD, apontam que as tensões no Estreito de Ormuz, que concentra cerca de 25% do comércio marítimo global de petróleo, conseguiu provocar aumentos notáveis aos custos de transporte marítimo, seguros navais e aos riscos para as cadeias globais de suprimento. Segundo a organização, as tensões militares na região elevaram o preço do petróleo Brent para acima de US\$ 90 por barril, ampliando os custos de transporte marítimo, seguros navais e os riscos para as cadeias globais de suprimentos. Esse cenário evidencia como os efeitos sistêmicos de uma instabilidade regional podem impactar a economia internacional, em paralelo com as sanções econômicas impostas ao Irã. Estas, por sua vez, também influenciaram o comércio regional e aceleraram processos alternativos de integração econômica entre países revisionistas.

Ainda no aspecto econômico, uma suposta resposta à coerção financeira ocidental, é que tem-se fomentado a criação de uma engenharia financeira paralela. O Irã tem mitigado os efeitos das sanções, por meio da manutenção de uma robusta “frota fantasma” (shadow fleet) de petroleiros, em que operam com transponders desligados (AIS) e em seguida, realizam transferências de óleo em alto-mar chamados pela sigla STS (ship-to-ship) para burlar o rastreamento das potências ocidentais. Isso é afirmado por investigações da Reuters e relatórios do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, que complementam que estas embarcações utilizam práticas de navegação opacas e redes logísticas clandestinas para manter as exportações iranianas de petróleo, mesmo sob o endurecimento das sanções internacionais. Mas, por Teerã não reconhecer oficialmente essas operações, vale frisar que essa pode não ser a realidade do cenário atual.

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

DIMENSÕES GEOPOLÍTICAS DO CONFLITO



Além disso, a recente incorporação do Irã ao bloco BRICS+ tem atuado como um catalisador para a desdolarização do comércio de hidrocarbonetos. O uso de mecanismos alternativos ao sistema SWIFT e as transações em moedas locais, como o yuan chinês e o rublo russo, tem representado um desafio geoeconômico direto à hegemonia do dólar (petrodólar), assim, conseguindo esvaziar progressivamente a eficácia das sanções, como ferramenta de dissuasão americana. Como destacou o colunista Jamil Chade, do UOL, os países do BRICS conseguiram manter as discussões sobre sistemas de pagamento em moedas locais mesmo diante das ameaças comerciais dos Estados Unidos, o que evidencia um avanço sólido de mecanismos financeiros alternativos ao sistema dolarizado atual.

Dimensão Militar e de Segurança



Militarmente, é possível observar um equilíbrio assimétrico entre a superioridade tecnológica e naval dos Estados Unidos e de Israel e as estratégias híbridas empregadas pelo Irã. O uso, por exemplo, de drones, mísseis balísticos, ataques cibernéticos e grupos armados, têm permitido ao Irã operar abaixo do limiar da guerra convencional. Mas, Estados Unidos e Israel também têm recorrido a estes métodos de guerra híbrida, por meio de operações de inteligência, sabotagens, assassinatos seletivos, ciberataques e campanhas de pressão econômica e diplomática, conseguindo ampliar essa disputa para além do confronto militar direto.

A assimetria militar na região evoluiu para a implementação tática de zonas de Negação de Área e Anti-Acesso (A2/AD – Anti-Access/Area Denial) por parte do Irã. Em vez de buscar uma paridade naval simétrica com a Quinta Frota dos EUA, Teerã dispersa baterias de mísseis antinavio costeiras, minas navais inteligentes e flotilhas de ataque rápido do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC).

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

DIMENSÕES GEOPOLÍTICAS DO CONFLITO



Mais recentemente, a ameaça logístico-militar transbordou de Ormuz para o Estreito de Bab-el-Mandeb, no Mar Vermelho, através da atuação dos proxies Houthis no Iêmen. Essa sincronização militar em múltiplos chokepoints simultâneos dispersa as defesas navais de Israel e dos EUA (como visto em operações de escolta como a Prosperity Guardian), elevando os custos de segurança (prêmios de seguro marítimo) a níveis que afetam a viabilidade comercial das rotas tradicionais.

Dimensão Ideacional

O conflito também é alimentado por narrativas ideológicas distintas. Enquanto o Irã mobiliza discursos anti-imperialistas e de resistência regional, Estados Unidos e Israel justificam suas ações a partir da defesa da segurança internacional e da estabilidade regional.

Além da dimensão militar, o conflito possui forte componente simbólico. A liderança iraniana utiliza a retórica da resistência contra o imperialismo ocidental como instrumento de legitimação interna e de mobilização regional. Esse discurso ganhou ainda mais força após o endurecimento das sanções econômicas norte-americanas e das sucessivas operações israelenses contra alvos ligados ao Irã.

Por outro lado, os Estados Unidos têm enquadrado sua atuação no Golfo Pérsico como parte da defesa da liberdade de navegação internacional, e pela estabilidade do comércio global e das políticas de contraterrorismo, sendo voltadas ao combate de grupos armados considerados ameaças à segurança regional e aos interesses ocidentais. Israel, por sua vez, tem se sustentado em que a expansão militar iraniana e o fortalecimento de organizações alinhadas a Teerã, representam ameaças diretas à sua sobrevivência nacional e à segurança de suas fronteiras.

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

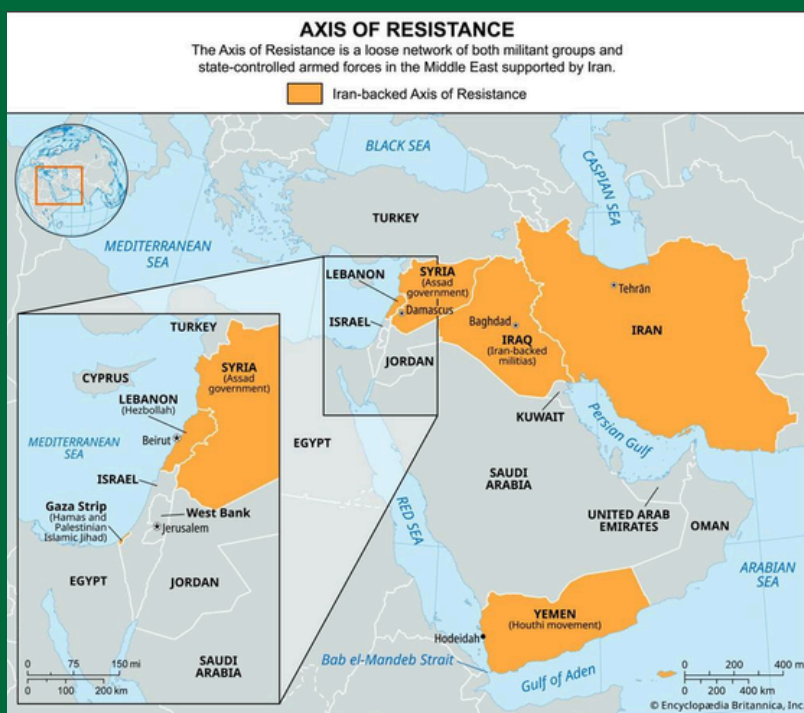
ATORES E INTERESSES ESTRATÉGICOS



Irã

O Irã orienta sua política externa pela necessidade de mitigar vulnerabilidades históricas e neutralizar ameaças à sua soberania. Por isso, Teerã adota uma "grande estratégia de resistência" para garantir sua sobrevivência diante das sanções econômicas ocidentais e do isolamento geopolítico. Dada essa situação, o país resolveu investir na construção de corredores terrestres até o Mediterrâneo e fortalecer alianças estratégicas com potências como a Rússia e a China, na diretriz conhecida como "Olhar para o Oriente" (Look East), conforme analisa Saraswat (2025).

E se tornou mais evidente, no final do ano de 2025, quando os três países divulgaram uma declaração conjunta contra a retomada das sanções internacionais ao Irã, que conseguiu reforçar uma coordenação diplomática voltada à contenção da pressão ocidental. E que também, pode se expressar, desta maneira, a tentativa de Teerã de reduzir os impactos do isolamento geopolítico imposto pelo Ocidente.



A política externa iraniana também se estrutura a partir do chamado "Eixo da Resistência", composto por grupos e organizações alinhados aos interesses de Teerã, como Hezbollah, Houthis e Hamas. A utilização desses atores não estatais permite ao Irã projetar influência regional sem recorrer diretamente ao confronto convencional direto em suas próprias fronteiras.

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

ATORES E INTERESSES ESTRATÉGICOS



Estados Unidos

Os Estados Unidos possuem como principal interesse estratégico a manutenção da liberdade de navegação internacional e da estabilidade do mercado energético global. A presença militar norte-americana no Golfo Pérsico busca garantir a segurança das rotas marítimas e preservar sua influência geopolítica no Oriente Médio.

Algumas análises publicadas após o agravamento das tensões no Oriente Médio evidenciam a percepção norte-americana sobre o Irã, como uma matéria publicada pela Al Jazeera, em janeiro de 2026, que destaca que os Estados Unidos, historicamente, buscam conter a influência regional iraniana e impedir o avanço de suas capacidades nucleares. A reportagem evidencia que a postura de Washington em relação a Teerã, onde não se limita apenas à questão nuclear, mas também à tentativa de restringir a expansão da influência política, militar e estratégica iraniana sobre áreas e atores considerados aliados dos Estados Unidos no Oriente Médio.

Israel

Israel compreende o fortalecimento militar iraniano como ameaça direta à sua segurança nacional. Dessa forma, sua estratégia se concentra no enfraquecimento das capacidades nucleares do Irã e na contenção de grupos armados aliados a Teerã, especialmente Hezbollah e Hamas. Ambos também ocupam posição central nos conflitos territoriais que envolvem Israel, por serem representação de focos de resistência armada, em regiões de estratégia para os interesses expansionistas associados à ideia da “Grande Israel”, concentrados no sul do Líbano e em territórios palestinos.

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

ATORES E INTERESSES ESTRATÉGICOS



Por isso, a atuação israelense tem incluído operações militares indiretas, sendo ataques cirúrgicos contra infraestrutura militar iraniana e fortalecendo cada vez mais uma cooperação estratégica com os Estados Unidos. Apesar de que, embora essas ações tenham sido apresentadas como necessárias à segurança nacional israelense, diversos episódios recentes evidenciaram contradições humanitárias, principalmente diante de ofensivas que atingiram escolas de meninas, hospitais e outras infraestruturas civis em áreas de conflito

Rússia e China

Rússia e China atuam como parceiros estratégicos do Irã no contexto da multipolaridade emergente. Moscou coopera militarmente com Teerã em questões regionais, especialmente na Síria, enquanto Pequim possui interesse direto na estabilidade das rotas energéticas do Golfo devido à sua elevada dependência do petróleo da região

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

ENQUADRAMENTO TEÓRICO



A análise fundamenta-se principalmente na Geopolítica Clássica e na literatura contemporânea sobre guerras híbridas.

Alfred Thayer Mahan argumenta que o controle das rotas marítimas constitui elemento essencial para a projeção de poder global. Nesse sentido, a presença naval norte-americana no Golfo Pérsico demonstra a importância estratégica atribuída pelos Estados Unidos à segurança das linhas de comunicação marítima.

Por outro lado, Nicholas Spykman destaca a relevância do Rimland como região decisiva para o equilíbrio global de poder. Segundo o autor, o controle das zonas periféricas da Eurásia garante vantagem estratégica sobre o continente. A atuação iraniana no Golfo e no Levante pode ser interpretada justamente como tentativa de consolidar influência no Rimland.

Complementarmente, a literatura sobre guerras híbridas permite compreender a utilização de atores não estatais, operações cibernéticas e conflitos indiretos como mecanismos contemporâneos de projeção de poder.

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

ANÁLISE DE RISCOS GEOPOLÍTICO



Risco	Escala	Intensidade
Fechamento parcial do Estreito de Ormuz	Internacional	Alto
Crise energética global	Internacional	Médio
Ampliação da guerra proxy no Oriente Médio	Internacional	Alto
Instabilidade política em países aliados dos EUA	Internacional	Médio
Protestos internos e repressão no Irã	Internacional	Médio
Ataques cibernéticos contra infraestrutura estratégica	Internacional	Médio
Catástrofe ambiental no Golfo Pérsico	Internacional	Baixo/Médio

CRIADO COM AUXÍLIO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PARA APOIO À ORGANIZAÇÃO TEXTUAL.

O principal risco internacional associado ao conflito é a desestabilização das cadeias globais de energia e comércio. A dependência mundial do petróleo transportado pelo Golfo Pérsico torna a região particularmente sensível a crises militares. Em nível regional, a continuidade das tensões contribui para a fragilidade política de países aliados dos Estados Unidos e para a expansão da militarização no Oriente Médio. Também existem riscos humanitários significativos relacionados às guerras por procuração em países como Síria e Iêmen, além da possibilidade de acidentes ambientais decorrentes de ataques contra infraestrutura petrolífera. E principalmente, para o Irã, sendo um dos riscos através do aprofundamento do isolamento econômico e na intensificação das sanções internacionais, ou seja, impactos que diretos a sua capacidade de exportação de energia e sustentabilidade econômica.

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

ANÁLISE DE RISCO



Ainda nos fatores citados, a matriz de riscos desdobra-se em camadas mais profundas que afetam diretamente o equilíbrio de poder em suas três escalas (Internacional, Regional e Doméstica).

Na escala internacional, o risco de crise econômica (classificado como Alto) atua como um catalisador para a reconfiguração da ordem global. A ameaça contínua às linhas de suprimento força às grandes potências, frequentemente classificadas como revisionistas sob a perspectiva estadunidense, como a China (altamente dependente do petróleo de Ormuz), a acelerarem a transição para um sistema financeiro multipolar. Esse movimento eleva o risco geopolítico de declínio da hegemonia liderada pelo liberalismo ocidental, uma vez que a incapacidade destes, de garantir a navegação comercial, segura a credibilidade dos Estados Unidos como fiadores globais da segurança.

Na escala regional, o risco de instabilidade política (classificado como Médio/Alto) consegue afetar diretamente as organizações e equilíbrios regionais. A polarização gerada pela guerra, por procuração, coloca uma enorme pressão sobre o Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) e ameaça paralisar os Acordos de Abraão, que foi uma iniciativa diplomática, em que buscou apaziguar as relações entre Israel e alguns países árabes, como Emirados Árabes Unidos, Bahrein Marrocos e Sudão. Mas, os governos árabes aliados aos EUA (como Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Jordânia) se encontram espremidos em um dilema de segurança, onde precisam da proteção americana contra o Irã, entretanto sofrem um risco altíssimo, de futuras revoltas populares domésticas se colaborarem abertamente com Israel e Washington, em detrimento da solidariedade islâmica.

Por fim, na escala doméstica, os efeitos internos da crise não se limitam apenas à repressão no Irã (risco Médio). Em Israel, o risco de escalada militar constante exacerba a fadiga cívico-militar, aprofundando fraturas políticas internas, paralisando a economia local e testando a legitimidade do regime governamental. Nos Estados Unidos, o risco geopolítico converte-se rapidamente em instabilidade doméstica: qualquer disrupção em Ormuz traduz-se em choque inflacionário interno (aumento do preço da gasolina), o que afeta diretamente a aprovação presidencial, polariza o congresso e fortalece discursos políticos isolacionistas, limitando a margem de manobra da política externa de Washington no Oriente Médio.

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

ANÁLISE DE CENÁRIO



Cenário Otimista

O cenário otimista pressupõe que uma redução gradual das tensões regionais por meio de negociações entre Irã e Estados Unidos, consolidando o cessar-fogo, ensaiado em abril de 2026. Nesse contexto, haveria uma possível retomada parcial dos acordos nucleares, para não proliferação e diminuição dos ataques, contra embarcações comerciais.

Assim, os principais fatores que poderiam favorecer esse cenário, incluem a pressão diplomática internacional e a mediação da China, que possui forte interesse direto em garantir a estabilidade de suas principais fontes de suprimento energético, além do engajamento de países do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), interessados na redução da instabilidade regional e na proteção das rotas marítimas do Golfo Pérsico.

Um adicional a essa possibilidade de cenário, dependeria principalmente do fortalecimento de mecanismos multilaterais de segurança marítima, que seriam possivelmente coordenados por países produtores da OPEP e por atores regionais do Golfo, e que então voltados à fiscalização e à redução de incidentes no Estreito de Ormuz, com o intuito de diminuir os principais gatilhos de escalada militar na região.

Cenário Pessimista

O cenário pessimista envolve uma escalada militar regional, desencadeada por erro de cálculo ou ataque direto contra instalações nucleares iranianas. Nesse caso, o fechamento temporário do Estreito de Ormuz provocaria forte crise energética global. A dinâmica recente demonstra que o limiar de tolerância regional tem diminuído significativamente após maio de 2026, quando um ataque com drones atingiu instalações externas do complexo da Usina Nuclear de Barakah, nos Emirados Árabes Unidos. De acordo com as autoridades locais e investigações, estes drones teriam sido lançados a partir do território iraquiano, em uma região onde operam milícias armadas com diferentes graus de vinculação a interesses iranianos

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

ANÁLISE DE CENÁRIO



Esse episódio, não resultou em danos ao reator do local, nem em vazamento radioativo, mas foi interpretado como um sinal de escalada entre as tensões envolvendo infraestruturas energéticas críticas no Golfo Pérsico.

Em caso de um erro de cálculo estratégico ou de um ataque preventivo direto contra instalações nucleares em solo iraniano, as consequências seriam sistêmicas e imediatas. O fechamento temporário ou a disrupção severa do Estreito de Ormuz interromperia o escoamento global de petróleo, gerando um choque de preços e pressionando as cadeias produtivas globais, o que afetaria de forma extrema as economias europeias e asiáticas devido à sua alta dependência energética do Golfo.

Diante desse colapso, o Irã acionaria simultaneamente toda a sua rede de atores não estatais. Conforme os dados consolidados do ACLED, embora as milícias iraquianas representem oficialmente cerca de 8% dos ataques registrados na região, focados principalmente no Kuwait e no Bahrein, estimativas de inteligência da Arábia Saudita apontam que aproximadamente metade dos ataques de drones contra o território saudita originam-se silenciosamente a partir do Iraque.

Em um contexto de guerra total, o território iraquiano se transformaria na principal plataforma de lançamento de saturação por mísseis e drones contra as monarquias vizinhas. Em resposta, os Estados Unidos ampliaram massivamente sua presença naval na região, mobilizando suas capacidades a partir de bases militares no Bahrein, Catar e Emirados Árabes Unidos, enquanto Israel intensificaria ataques preventivos contra instalações militares iranianas e grupos aliados no Líbano e na Síria. Do lado iraniano, a resposta envolveria o uso massivo de táticas de negação de área marítima e guerra híbrida, elevando exponencialmente o risco de um confronto direto entre grandes potências.

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

ANÁLISE DE CENÁRIO



Cenário Mais Provável

O cenário mais provável consiste na continuidade da chamada “zona cinzenta”, caracterizada por ataques indiretos, tensões controladas e ausência de guerra aberta entre as grandes potências envolvidas. Esse cenário favorece os interesses estratégicos dos atores centrais, uma vez que evita os custos elevados de um conflito convencional de larga escala.

A manutenção da guerra híbrida permite que o Irã continue projetando influência regional sem enfrentar diretamente a superioridade militar norte-americana. Simultaneamente, Estados Unidos e Israel preservam sua capacidade de dissuasão sem se envolver em uma guerra regional prolongada.

A continuidade das tensões também fortalece tendências contemporâneas de multipolaridade. O aprofundamento das relações entre Irã, Rússia e China evidencia o surgimento de mecanismos alternativos de cooperação econômica e estratégica fora da esfera de influência ocidental.

Além disso, a permanência de conflitos de baixa intensidade contribui para o fortalecimento da indústria militar, para a expansão de tecnologias de vigilância e para o aumento da militarização das rotas marítimas internacionais.

Para sustentar e prolongar essa evolução possível, os principais gatilhos (triggers) que garantem a manutenção deste cenário residem no cálculo racional de controle de danos mútuos. Do lado ocidental, o principal gatilho de contenção é o receio de um choque inflacionário sistêmico na economia global, que afetaria diretamente a política doméstica e os ciclos eleitorais norte-americanos, somado à fadiga militar de Washington no Oriente Médio.

Do lado iraniano, o gatilho que impede a escalada total é a necessidade de sobrevivência do regime; Teerã reconhece que uma guerra aberta provocaria a destruição de sua infraestrutura crítica e poderia inflamar protestos sociais internos irreversíveis devido ao colapso econômico.

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA

ANÁLISE DE CENÁRIO



Neste cenário de longo prazo, as estratégias dos principais atores passarão por um refinamento tecnológico e financeiro. O Irã tenderá a institucionalizar definitivamente sua "economia de resistência", utilizando sistemas de compensação financeira asiáticos, cripto ativos e o escambo de commodities para criar uma blindagem permanente contra o dólar e o sistema SWIFT. Em contrapartida, as estratégias dos Estados Unidos e de Israel focarão na "contenção tecnológica" e na asfixia invisível.

Em vez de grandes mobilizações de tropas, as potências ocidentais intensificarão a guerra cibernética (visando paralisar portos e instalações nucleares iranianas) e utilizarão inteligência artificial para rastrear e neutralizar a frota fantasma (shadow fleet) de petroleiros e as redes de financiamento que sustentam o Eixo da Resistência, garantindo que o atrito permaneça contínuo, porém tático e não letal para a ordem global.

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise demonstra que o conflito entre Irã, Estados Unidos e Israel não pode ser reduzido a uma simples disputa regional. Trata-se de uma competição geopolítica mais ampla pelo controle das rotas estratégicas da Eurásia e pela reorganização do equilíbrio de poder internacional. O Estreito de Ormuz permanece como elemento central dessa disputa devido à sua importância energética e logística para o sistema internacional contemporâneo. Ao mesmo tempo, a estratégia iraniana de fortalecimento de corredores terrestres e alianças continentais evidencia tentativas de reduzir a vulnerabilidade diante da supremacia naval ocidental.

Conclui-se que a tendência mais provável é a manutenção de uma dinâmica de conflito híbrido prolongado, marcada por disputas indiretas, tensões controladas e crescente multipolarização da ordem internacional.

A disputa no Golfo Pérsico também revela transformações mais amplas na estrutura do sistema internacional contemporâneo. A crescente aproximação entre Irã, Rússia e China demonstra a tentativa de construção de alternativas à ordem liberal liderada pelos Estados Unidos, especialmente no campo econômico e energético.

Nesse contexto, o Oriente Médio permanece como espaço estratégico fundamental para a competição entre grandes potências. O controle de rotas marítimas, corredores logísticos e fluxos energéticos continuará sendo elemento central das disputas geopolíticas do século XXI.

Além disso, o avanço das guerras híbridas e da atuação de atores não estatais indica mudanças importantes na natureza dos conflitos contemporâneos. A utilização de proxies, drones, ataques cibernéticos e pressão econômica demonstra que os confrontos atuais ultrapassam o modelo tradicional de guerra convencional.

Por fim, conclui-se que a estabilidade do Golfo Pérsico continuará diretamente associada à estabilidade econômica global. Qualquer escalada militar significativa no Estreito de Ormuz possui potencial para gerar impactos sistêmicos sobre preços de energia, cadeias produtivas internacionais e segurança internacional.

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA



REFERÊNCIAS

ACHARYA, Amitav. **After Liberal Hegemony: The Advent of a Multiplex World Order**. Ethics & International Affairs, Cambridge, v. 31, n. 3, p. 271–285, 2017.

ACLED. **Are Iran-backed Iraqi militias escalating attacks against the Gulf?** Disponível em: <https://acleddata.com/expert-comment/are-iran-backed-iraqi-militias-escalating-attacks-against-gulf>. Acesso em: 28 maio 2026.

CHADE, Jamil. **Brics ignora ameaças de Trump e mantém plano de desdolarização no comércio**. UOL Notícias, 26 fev. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2025/02/26/brics-ignora-ameacas-de-trump-e-mantem-plano-de-desdolarizacao-no-comercio.htm>. Acesso em: 28 maio 2026.

DESK, T. W. **"Warning shot" from Iran? UAE nuclear plant attack from Iraq sparks fears of wider Gulf war as Tehran's proxies step in**. The Times of India, 2026. Disponível em: <https://timesofindia.indiatimes.com/world/middle-east/warning-shot-from-iran-uae-nuclear-plant-attack-from-iraq-sparks-fears-of-wider-gulf-war-as-tehrans-proxies-step-in/articleshow/131264706.cms>. Acesso em: 28 maio 2026.

EHTESHAMI, Anoushiravan. **Dynamics of Change in the Persian Gulf**. London: Routledge, 2023.

FULTON, Jonathan. **China and the Gulf Monarchies**. London: Routledge, 2020.

HOFFMAN, Frank. **Hybrid Warfare and Contemporary Conflict**. Washington, DC: National Defense University Press, 2025.

IKENBERRY, G. John. **The End of Liberal International Order?** International Affairs, Oxford, v. 94, n. 1, p. 7–23, 2018.

JONES, Jeremy. **Sectarianism and ideology: The cases of Iran and Saudi Arabia**. Middle East Institute. Disponível em: <https://mei.edu/publication/sectarianism-and-ideology-cases-iran-and-saudi-arabia/>. Acesso em: 28 maio 2026.

ENTRE ORMUZ E A EURÁSIA



REFERÊNCIAS

MAHAN, Alfred Thayer. **The Influence of Sea Power Upon History, 1660–1783**. Boston: Little, Brown and Company, 1890.

REUTERS STAFF. **US imposes new sanctions on Iran's shadow oil fleet**. Reuters, 24 fev. 2025.

REUTERS STAFF. **China e Rússia se unem ao Irã na rejeição de iniciativa europeia de restaurar sanções a Teerã**. Reuters, 1 set. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2025/09/01/china-e-russia-se-unem-ao-ira-na-rejeicao-de-iniciativa-europeia-de-restaurar-sancoes-a-teera.htm>. Acesso em: 28 maio 2026.

ROLLAND, Nadège. **China's Eurasian Century? Political and Strategic Implications of the Belt and Road Initiative**. Washington, DC: National Bureau of Asian Research, 2017.

SHANKAR, P.; KASTURI, C. S. **US-Iran tensions soar: What do both sides want?** Al Jazeera, 29 jan. 2026. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2026/1/29/iran-us-tensions-soar-what-do-both-sides-want>. Acesso em: 28 maio 2026.

SPYKMAN, Nicholas J. **The Geography of the Peace**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1944.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). **Hormuz disruption deepens global economic strain across trade, prices and finance**. Disponível em: <https://unctad.org/news/hormuz-disruption-deepens-global-economic-strain-across-trade-prices-and-finance>. Acesso em: 28 maio 2026.

UNITED STATES ENERGY INFORMATION ADMINISTRATION (EIA). **World Oil Transit Chokepoints**. Disponível em: <https://www.eia.gov>. Acesso em: 14 maio 2026.

YIN, Robert K. **Case Study Research and Applications: Design and Methods**. 6. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2018.



FECAP

PESQUISA DESENVOLVIDA NO ÂMBITO DA DISCIPLINA
"CONFLITOS INTERNACIONAIS E GEOPOLÍTICA
CONTEMPORÂNEA", DO CURSO DE RELAÇÕES
INTERNACIONAIS DA FECAP (2026.1)

AUTOR 1: BIANCA OLIVEIRA
AUTOR 2: BRUNA QUEIROZ
AUTOR 3: LAURA CRISTINA
AUTOR 4: RAÍSSA JARDIM

JUNHO/JULHO 2026

